

IX Simpósio de Contabilidade e Finanças da UFGD

ARTEFATOS DA CONTABILIDADE GERENCIAL E DESEMPENHO ECONÔMICO-FINANCEIRO DAS EMPRESAS CINQUENTENÁRIAS DO SETOR DE BENS INDUSTRIAIS DA B3

Jheniffer Pereira Lima Ferreira
Cristiane Mallmann Huppes
Rafael Martins Noriller
Rosemar José Hall
Thiago Bruno de Jesus Silva

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo classificar as empresas cinquentenárias do Setor de Bens Industriais listadas na B3, em aquelas que utilizam em maior quantidade artefatos da contabilidade gerencial apontados como tradicionais versus modernos e comparar o desempenho econômico-financeiro destes dois grupos. Para tanto, realizou-se uma pesquisa descritiva, com abordagem quantitativa realizada por meio de análise documental. A população da pesquisa foi composta por 24 empresas. Para a análise foi utilizada a “função pesquisa” do software Adobe Reader, pela busca por aspectos que classificam as empresas em tradicionais e modernas pela utilização de artefatos gerenciais. Os relatórios observados foram: Notas Explicativas e Relatório da Administração. Em seguida, pelas Demonstrações Contábeis: Balanço Patrimonial e Demonstração do Resultado do Exercício foram obtidos dados para cálculo dos índices de liquidez, de endividamento e de rentabilidade. Os resultados indicaram que das 24 empresas da amostra, 13 foram classificadas como empresas tradicionais e 11 empresas como modernas. Os resultados sugerem que as empresas que utilizam os artefatos de contabilidade gerenciais modernos tem um desempenho econômico-financeiro melhor do que as empresas que utilizam artefatos de contabilidade gerencial tradicionais.

Palavras Chave: Contabilidade Gerencial; Desempenho econômico-financeiro; Bens Industriais.

ABSTRACT

The objective of this study was to classify the fifty-year-old companies of the Industrial Property Sector listed in B3 in those that use in a greater quantity managerial accounting artifacts identified as traditional versus modern and to compare the economic and financial performance of these two groups. a descriptive research was carried out, with a quantitative approach performed through documentary analysis. The research population consisted of 24 companies. For the analysis, the "research function" of the Adobe Reader software was used for the search for aspects that classify the companies in traditional and modern by the use of management artifacts. The reports observed were: Explanatory Notes and Management Report. The Financial Statements: Balance Sheet and Statement of Income for the Year were

then used to calculate the liquidity, indebtedness and profitability ratios. The results indicated that of the 24 companies in the sample, 13 were classified as traditional companies, and 11 were modern companies. The data suggest that firms using modern managerial accounting artifacts have better financial and economic performance than firms that use traditional managerial accounting artifacts.

Keywords: Management Accounting; Economic and financial performance; Industrial Goods.

1. INTRODUÇÃO

Responder adequadamente às mudanças ambientais e assegurar a manutenção do desempenho da empresa é tarefa complexa. O ambiente externo é instável, alterando-se com o comportamento de clientes, fornecedores, governo, concorrentes, os quais interagem direta ou indiretamente com as empresas, resultando em situações que exigem respostas rápidas e acertadas. (MORAIS; COELHO; HOLANDA, 2012).

Desde a década de 80 destaca-se que a contabilidade gerencial precisaria se adaptar ao ambiente econômico contemporâneo, para tornar-se uma ferramenta administrativa eficiente (JOHNSON; KAPLAN, 1987). O papel da informação gerencial é orientar as decisões e soluções de problemas no ambiente organizacional, pois, conforme as operações são feitas e mensuradas em grupos ou individuais o processo de decisão muda (ATKINSON *et al*, 2008).

A *International Federation of Accountants (IFAC)* define contabilidade gerencial como o procedimento de identificação, mensuração, acumulação, análise, preparação, interpretação e comunicação de informações que serão utilizadas pela gestão para o planejamento, avaliação e controle (IFAC, 1998). Neste sentido, os artefatos da contabilidade gerencial correspondem às atividades, instrumentos, ferramentas e modelos de gestão que são utilizados pelos gestores para exercer a administração da organização e utiliza-las como base no processo de decisão (SOUTES, 2006).

As empresas cinquentenárias possuem capacidade de superação e permanência no mercado, fato que tem sido atribuído ao alto desempenho organizacional, mantido em longo prazo durante as várias gerações de comando e fatores inerentes à empresa, como a habilidade dos gestores. Essas empresas com mais de meio século de existência, destacam-se pela já alcançada maturidade. Geralmente são bem-sucedidas em seus setores e reconhecidas pelo dinamismo de seu empreendedor e por conseguirem vencer as adversidades e superar crises políticas e econômicas ao longo dos anos (SILVA *et al*, 2015; FLECK, 2005),

Neste sentido, este estudo buscou responder o seguinte problema de pesquisa: as empresas cinquentenárias do Setor de Bens Industriais listadas na B3, ao utilizarem artefatos gerenciais apontados como modernos possuem desempenho econômico-financeiro diferenciado quando comparadas às que utilizam artefatos gerenciais identificados como tradicionais? O caminho percorrido para a resposta foi o de, primeiramente a) classificar as empresas cinquentenárias do Setor de Bens Industriais listadas na B3 quanto ao uso de artefatos gerenciais em tradicionais e modernas; (b) calcular o desempenho econômico-financeiro destas empresas; (c) comparar o desempenho econômico-financeiro daquelas que utilizam artefatos da contabilidade gerencial tradicionais *versus* modernos.

Ao considerar a dinâmica do mercado atual as empresas necessitam de informações contábeis e financeiras que forneçam informações relevantes para o processo de decisão e maximização de seu desempenho. Respaladas no uso dos artefatos da contabilidade gerencial espera-se que esse processo seja eficiente e possibilite acompanhar o desempenho dos negócios, mensurando-se os resultados obtidos e efetuando as correções que forem necessárias.

No referencial teórico é apresentado um subtítulo denominado “estudos anteriores relacionados” os quais não foram identificadas pesquisas que analisaram o uso dos artefatos de contabilidade gerencial e o desempenho econômico-financeiro das empresas cinquentenárias do Setor de Bens Industriais listadas na B3 tendo como base o exercício de 2017.

2. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

A presente seção contempla os conceitos necessários para entender a problemática e o contexto do estudo. Primeiramente definem-se os artefatos da contabilidade gerencial. Posteriormente aborda-se sobre o desempenho econômico e financeiro das organizações, seguido da descrição de resultados de estudos anteriores, os quais dão suporte necessário para a presente pesquisa.

2.1 Artefatos da Contabilidade Gerencial

É função da contabilidade gerencial auxiliar os gestores na tomada de decisão, servindo-os como modelador para as ações no sentido de que as características administrativas estejam relacionadas com os objetivos das empresas, por meio do planejamento e do controle. Assim, para Atkinson e Chenoy (2000), as informações geradas pela contabilidade gerencial são constituídas de dados estimados e dados históricos utilizados pelos gestores como norteador das operações diárias, do planejamento operacional e estratégico, adaptados conforme as necessidades organizacionais. Evidenciando que o foco da contabilidade gerencial era o fornecimento de informação para gerenciamento de recursos e, que atualmente passou a ser uma forma de redução de perdas e criação de valor.

Segundo Soutes e De Zen (2005, p. 4), os artefatos que podem ser classificados nos estágios evolutivos, definidos no *International Management Accounting Practice 1* (IMAP 1), são: 1º Estágio e 2º Estágio: Custeio por Absorção, Custeio Variável ou Direto, Custo Padrão, Preço de Transferência e Descentralização, Retorno Sobre Investimento (ROI), Moeda Constante e Valor Presente, Orçamento; 3º Estágio e 4º Estágio: Custeio Baseado em Atividades (ABC), Custeio Meta (*Target Costing*), *Benchmarking*, *Kaizen*, *Just in Time* (JIT), Teoria das Restrições, Planejamento Estratégico, Gestão Baseada em Atividades (ABM), GECON, EVA (*Economic Value Added*), Simulação, *Balanced Scorecard*, Gestão Baseada em Valor (VBM).

O uso de ferramentas ou artefatos gerenciais de acordo com Moraes, Coelho e Holanda (2014) é com o objetivo de agregar valor frente a seus clientes. De forma genérica, o termo artefatos em contabilidade gerencial refere-se ao uso de ferramentas com o objetivo de mensurar, acumular, analisar, preparar, interpretar e comunicar informações que auxiliem aos gestores a atingir os objetivos organizacionais (HORNGREN *et al.* 2004).

Soutes e Guerreiro (2007) verificaram se as empresas brasileiras que foram indicadas para o Prêmio ANEFAC-FIPECAFI-SERASA (Troféu de Transparência), que constavam na relação das 500 Melhores e Maiores no ano de 2004, utilizavam artefatos modernos de contabilidade gerencial e a relação entre o uso dos artefatos e o desempenho financeiro das empresas da amostra.

Segundo Soutes (2006) os artefatos de contabilidade gerencial podem ser segregados nos três grupos: 1. Métodos e sistemas de custeio; 2. Métodos de avaliação e medidas de desempenho; e 3. Filosofias e modelos de gestão. Os artefatos de contabilidade gerencial, com seus estágios evolutivos, ilustram a trajetória do foco aplicado ao contexto organizacional que

vai desde a determinação dos custos e controles financeiros evidenciados no primeiro estágio evolutivo, até a criação de valor para a empresa, característica do quarto estágio evolutivo (IFAC, 1998). Essas mudanças são classificadas como facilitadoras e referem-se à nova tecnologia de informação e a maior facilidade de acesso ao conhecimento (BEUREN e ERFURTH, 2010).

2.2 Desempenho Econômico e Financeiro

A técnica de análise das demonstrações contábeis é uma forma de avaliar o desempenho econômico-financeiro, com o objetivo de apresentar aos gestores das organizações informações que auxiliem no processo de tomada de decisão. Conforme Camargos e Barbosa (2005), essa técnica considera os diversos demonstrativos contábeis como fonte de dados, que são compilados em índices, cuja análise histórica possibilita identificar a evolução do desempenho econômico e financeiro da organização.

Os índices contábeis considerados tradicionais pela literatura são divididos, centralmente, em três: Índices de Liquidez, Rentabilidade e Estrutura de Capital. Conforme Matarazzo (1997), os índices de liquidez e estrutura de capital procuram evidenciar aspectos da situação financeira e os índices de rentabilidade procuram evidenciar aspectos da situação econômica. Esses indicadores contábeis tradicionais são considerados monocritérios, pois levam em consideração apenas um indicador para avaliar o desempenho da organização.

Essa afirmação foi confirmada no estudo de Lima (2003, p. 106), que salienta que “a ciência contábil tradicional utiliza-se, em geral, de métodos de avaliação com um único indicador, uma medida quantitativa de eficiência econômica”. Nesse mesmo sentido, o autor reitera a característica de tais modelos – modelos monocritérios – argumentando que desde o início do século XX até meados de 1970, os instrumentos de gestão das empresas estavam alicerçados em modelos onde as decisões eram tomadas considerando apenas um indicador.

Segundo Macedo, Silva e Santos (2006), a análise de desempenho das organizações é passível de muitas discussões sobre quais indicadores utilizar. Martins (2000) afirma que a avaliação patrimonial das empresas provoca enormes discussões acadêmicas e profissionais ao longo do tempo. Todos esses fatores contribuem para o surgimento de novas abordagens, modelos, ferramentas de avaliação de desempenho, para apoiar as empresas na gestão de seus negócios.

2.3 Estudos anteriores

Soutes (2006) analisou a relação entre o desempenho econômico e a utilização de artefatos de contabilidade gerencial em empresas brasileiras destacadas entre Melhores e Maiores e em empresas indicadas ao prêmio ANEFAC-FIPECAFI-SERASA. Como resultados a pesquisa demonstrou que o desempenho econômico (especificamente a lucratividade, a rentabilidade do ativo e a rentabilidade do patrimônio líquido) é diferenciado em empresas que utilizam artefatos modernos de contabilidade gerencial, às empresas que não os utilizam.

Isidoro *et al.* (2012) buscou identificar as ferramentas gerenciais definidas pelo IFAC que são utilizadas pelas cooperativas e como estas impactam, ou não, no resultado. O estudo pesquisou 13 cooperativas que estão entre o setor de agronegócios da Revista Exame - Melhores e Maiores de 2010. O estudo revelou que as cooperativas utilizam artefatos de contabilidade, sendo que poucas (13%) estão no quarto estágio. Quanto ao desempenho o autor informa que as cooperativas estudadas, independentemente da utilização de artefatos mais ou menos avançados de contabilidade gerencial, não apresentam distinção.

Morais *et al.* (2014) examinaram a associação existente entre o uso de artefatos de contabilidade gerencial e o objetivo de maximização do valor das empresas de capital aberto no Brasil. Os dados da pesquisa abrangeram o período de 2000 a 2009, foram aplicados questionários junto aos controllers das empresas listadas na BM&FBovespa para identificar os artefatos de contabilidade gerencial utilizados e o momento de sua implementação. Os autores não puderam rejeitar a hipótese de que a utilização continuada e atualizada de artefatos contribui para maximizar o desempenho das empresas.

O estudo realizado por Oyadomari *et al.* (2008), à luz da Teoria Institucional, analisaram a adoção de artefatos de contabilidade gerencial no cenário brasileiro. Os resultados obtidos permitiram concluir que: (1) há uma adoção do tipo cerimonial na implementação dos artefatos; (2) o mecanismo mimético é o mais importante na adoção dos mesmos; (3) a obtenção do conhecimento sobre novos artefatos ocorre, preponderantemente, pela forma de socialização do conhecimento, por meio de seminários, visitas a outras empresas, consultorias e notícias de jornais e revistas de negócios; (4) as consultorias têm papel importante na adoção dos artefatos; (5) a imposição dos acionistas é pequena, sendo portanto minimizado o mecanismo coercitivo; (6) a decisão da escolhas dos artefatos é prerrogativa do corpo diretivo e gerencial da empresa.

No exterior, Sulaiman *et al.* (2004) analisaram o uso de ferramentas gerenciais consideradas tradicionais e modernas, em quatro países asiáticos: Cingapura, Malásia, China e Índia. Os autores agruparam as ferramentas de contabilidade gerencial em ferramentas tradicionais e modernas. Na classificação, ferramentas como custeio-padrão, análise de custo/volume/lucro, retorno sobre os investimentos e orçamentos foram classificados como artefatos tradicionais. Gestão da qualidade total, ABC, custeio meta e balanced scorecard, foram considerados artefatos modernos. Os autores encontraram ainda evidências de que não se usam ferramentas consideradas modernas nos quatro países da amostra.

Colares e Ferreira (2013) verificaram que entre os artefatos mais relevantes da contabilidade gerencial estão: o orçamento, a moeda constante, as simulações e o *benchmarking*, sendo que o artefato Simulações é o único com frequência superior a 50% das empresas estudadas. Os autores ainda afirmam que os outros artefatos como Custeio Padrão, *Kaizen*, Preço de Transferência, Teoria das Restrições e *Balanced Scorecard* são timidamente utilizados com uma frequência inferior a 10%. Os achados do estudo evidenciam que as empresas mineiras prestadoras de serviços possuem baixa utilização de artefatos gerenciais modernos.

Campos (2013), realizou um estudo para identificar os fatores que influenciam o uso de artefatos de Contabilidade Gerencial. O objeto compreendeu as 100 maiores empresas cearenses de acordo com o prêmio Delmiro Gouveia no ano de 2011. O estudo quantitativo foi realizado por meio de *survey*, em que os dados foram obtidos junto aos gestores de 56 empresas. De acordo com Campos (2013) o uso de artefatos tradicionais prevalece em relação aos modernos nas empresas pesquisadas. Além disso, concluiu que a tecnologia e a função influenciaram o uso de artefatos tradicionais, bem como a estratégia, influenciou a utilização de artefatos tradicionais e modernos.

Heizen, et al (2016) buscaram verificar a Relação entre a utilização dos artefatos tradicionais e modernos de contabilidade gerencial e o desempenho das empresas, tendo como base as empresas brasileiras listadas na BM&FBovespa pertencentes ao setor de consumo cíclico. O estudo apresentou uma abordagem quantitativa por meio da análise de 66 empresas listadas no ano de 2014, das quais restaram 56 empresas que compuseram a amostra. Nos resultados predomina a utilização de artefatos tradicionais (35 empresas), ao passo que apenas 9 foram classificadas como modernas. Estes resultados se encontram em consonância com

pesquisas anteriores (CHENHALL & LANGFIELD-SMIT, 1998; SULAIMAN, AHMAD & ALWI, 2004; SOUTES & ZEN, 2005; BHIMANI, GOSSELIN, NCUBE & OKANO, 2007) que também evidenciam a pouca utilização de artefatos modernos pelas empresas.

Nogueira *et al.* (2017) objetivou identificar em que estágio evolutivo da contabilidade gerencial se encontram os artefatos gerenciais adotados pelas organizações do setor do agronegócio localizadas na região de MATOPIBA, cidade de Balsas, sul do Maranhão/Brasil. Dentre os artefatos relatados, os modernos são mais utilizados do que os tradicionais, em que o grau de significância é alto para quase todos os artefatos modernos, com exceção do uso do orçamento. Dentre as ferramentas gerenciais tradicionais e modernas, as de Custeio Variável, Moeda Constante, Custeio Baseado em Atividade e *Bechamarking* são mais utilizadas. O Custeio Padrão, Orçamento, Custeio Meta, *Balanced Scorecard* e *Kaizen* são utilizados com menor ocorrência. Os métodos de Custeio por Absorção, Preço de Transferência, Valor Presente, *Just In Time*, EVA, Simulação e Teoria das Restrições não foram relatados sua prática em nenhuma das empresas.

Com base nos estudos relatados observa-se que, dentre outros temas, a temática artefatos da contabilidade gerencial e desempenho econômico-financeiro são discutidos em alguns trabalhos. Quanto ao objeto de estudo não foi encontrado resultados especificamente para as empresas do Setor de Bens Industriais listadas na B3 com mais de 50 anos no mercado.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa se caracteriza como descritiva, de procedimento documental (GIL, 2006; RAUPP e BEUREN, 2006). Por meio da captura dos relatórios: Notas Explicativas e Relatório da Administração, obtidos no site da B3 no mês de setembro de 2018, as informações do uso de artefatos da contabilidade gerencial pelas empresas cinquentenárias do Setor de Bens Industriais, foram quantificadas em artefatos tradicionais e modernos, tendo como base o estudo de Colares e Ferreira (2013).

3.1 Objeto de Estudo

A seleção da população é intencional. Pelo acesso ao site da B3, nos meses de Julho e Agosto de 2018, foram selecionadas as empresas listadas no Setor de Bens Industriais, no total de 45 empresas. Destas, foi realizado mais um filtro, que corresponde às empresas que possuem mais de 50 anos de atuação no mercado, o que correspondeu a 26 empresas cinquentenárias listadas no Setor de Bens Industriais da B3.

Quadro 1 – Empresas Cinquentenárias do Setor de Bens Industriais Listadas na B3

Subsetor	Segmento	Empresa
Comércio	Material de Transporte	(14) MINASMAQUINAS S.A.
		(24) WLM PART. E COMÉRCIO DE MÁQUINAS E VEÍCULOS S.A.
Construção e Engenharia	Construção Pesada	(1) AZEVEDO E TRAVASSOS S.A.
		(11) MENDES JUNIOR ENGENHARIA S.A.
	Engenharia Consultiva	(16) SONDOTECNICA ENGENHARIA SOLOS S.A.
		(18) TECNOSOLO ENGENHARIA S.A.
	Produtos para Construção	(4) ETERNIT S.A.
		(7) HAGA S.A. INDÚSTRIA E COMERCIO
	Serviços Diversos	(21) VALID SOLUÇÕES S.A.
Máquinas e	Armas e Munições	(5) FORJAS TAURUS S.A.

Equipamentos	Máq. e Equip. Construção e Agrícolas	(13) METISA METALURGICA TIMBOENSE S.A. (17) STARA S.A. - INDÚSTRIA DE IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS
	Máq. e Equip. Industriais	(2) BARDELLA S.A. INDUSTRIAS MECANICAS (3) ELECTRO ACO ALTONA S.A. (8) INDUSTRIAS ROMI S.A. (9) KEPLER WEBER S.A.
	Motores, Compressores e Outros	(15) SCHULZ S.A. (22) WEG S.A.
Material de Transporte	Material Rodoviário	(6) FRAS-LE S.A. (10) MARCOPOLLO S.A. (12) METALURGICA RIOSULENSE S.A. (20) TUPY S.A. (23) WETZEL S.A.
Serviços	Serviços Diversos	(21) VALID SOLUÇÕES S.A.
Transporte	Transporte Hidroviário	(19) TREVISA INVESTIMENTOS S.A.

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Das 26 empresas identificadas com esta característica, duas delas estão com as atividades paralisadas, a saber: Nordon Indústrias Metalúrgicas S.A e Recrusul S.A. Sendo assim a população que compõe a pesquisa é de 24 empresas, que estão descritas no Quadro 3 (a numeração que antecede o nome de cada empresa corresponde à ordem alfabética).

3.2 Constructo e Procedimentos de Análise

Por meio da “função pesquisa” do *software Adobe Reader*, foram exploradas e quantificadas suas ocorrências, conforme nominação apresentada no Quadro 2. Os achados foram tabulados em planilha eletrônica do Excel, para se identificar com qual frequência são utilizados.

Quadro 2- Artefatos da contabilidade gerencial analisados

Estágio Evolutivo	Artefato	Definição
Estágios Evolutivos 1 e 2 Artefatos gerenciais tradicionais	Custeio por Absorção	Custeamento no qual os gastos relacionados e incorridos com a produção industrial são totalmente absorvidos.
	Custeio Variável ou Direto	Classificação dos gastos de acordo com o volume de vendas ou volume de produção.
	Custo Padrão	Uma técnica para avaliar e substituir a utilização do custo real.
	Preço de Transferência e Descentralização	Valor em termos monetários para registrar as transferências de bens e serviços entre centros de responsabilidade
	Retorno s/ investimento (ROI)	Total de ganhos ou prejuízos decorrentes de um investimento.
	Moeda constante e Valor Presente	Possibilita que os demonstrativos sejam passíveis de comparação a qualquer tempo.
	Orçamento	Possibilita a correta medição dos custos e controle das atividades da empresa.
Estágios Evolutivos 3 e 4 Artefatos gerenciais modernos	Custeio Baseado em Atividades (ABC)	Permite melhor visualização dos custos por meio da análise das atividades.
	Custeio Meta (target costing)	Gestão estratégica centrada principalmente nas fases de pesquisa, desenvolvimento e engenharia do produto.
	Benchmarking	Aprendizagem de outras organizações e a aplicação desse conhecimento na melhoria dos processos de trabalho.
	Kaizen	Melhoramento contínuo por meio da eliminação de desperdícios.
	Just In Time (JIT)	Produzir bens e serviços exatamente no momento em que são

	necessários.
Teoria das restrições	Filosofia busca aperfeiçoar a produção, por meio da identificação das restrições de um sistema.
Planejamento Estratégico	Permite estabelecer a direção a ser seguida pela organização.
Gestão Baseada em Atividades (ABM)	Processo de análise das atividades que resulta em modificação destas para melhorar o seu desempenho.
GECON	Relacionada à administração por resultados por meio da melhoria da produtividade e da eficiência operacional.
EVA (Economic Value Added)	O lucro residual que permanece após o custo de todo o capital.
Simulação	Utilizada para tomada de decisão envolve análise de riscos em face da incerteza.
Balanced Scorecard	Mede todos os indicadores de desempenho na organização, com metas e tarefas claramente definidas.
Gestão Baseada em Valor (VBM)	Sistema de gestão em que o principal propósito é a maximização do valor para o acionista.

Fonte: Adaptado de Colares e Ferreira (2013).

Para observar o desempenho econômico-financeiro, foram coletadas as Demonstrações Contábeis: Balanço Patrimonial e da Demonstração do Resultado do Exercício, das empresas que compõem a amostra, no site da B3, no mês de Outubro de 2018, de acordo com o ano-calendário de 2017. O Quadro 3 apresenta os indicadores utilizados:

Quadro 3– Indicadores econômico-financeiros utilizados na pesquisa

Grupo	Índices	Fórmula
Liquidez	Liquidez Geral	$\frac{\text{Ativo Circulante} + \text{Realizável LP}}{\text{Passivo Circulante} + \text{Exigível LP}}$
	Liquidez Corrente	$\frac{\text{Ativo Circulante}}{\text{Passivo Circulante}}$
	Liquidez Seca	$\frac{\text{Ativo Circulante} - \text{Estoques}}{\text{Passivo Circulante}}$
Rentabilidade	Giro do Ativo	$\frac{\text{Vendas Líquidas}}{\text{Ativo Total}}$
	Margem Líquida	$\frac{\text{Lucro Líquido} *}{\text{Vendas Líquidas}}$
	Rentabilidade do Ativo	$\frac{\text{Lucro Líquido} *}{\text{Ativo Total}}$
Endividamento	Participação de Capital de Terceiros	$\frac{\text{Capital de Terceiros}}{\text{Patrimônio Líquido}}$

Fonte: Adaptado de Matarazzo (1995)

Foi realizado procedimentos de cálculos de cada um dos indicadores do Quadro 2 com suporte em planilhas de Excel e calculadora. Ainda, quanto à abordagem do problema, esta pesquisa se classifica como qualitativa com aspectos quantitativos. É qualitativo por verificar a utilização dos artefatos tradicionais e modernos da contabilidade gerencial e, quantitativa, pois, faz a contagem das incidências dos aspectos qualitativo e compara com indicadores numéricos (MARCONI e LAKATOS, 2008).

4. ANÁLISE E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

Os resultados são apresentados, primeiramente com a identificação da utilização dos artefatos e classificação das empresas em tradicionais e modernas, com qual frequência os artefatos aparecem dentre da amostra e qual a quantidade de artefatos utilizados por cada empresa. Na segunda parte são apresentados os resultados dos índices de desempenho econômico-financeiro de cada empresa e em seguida a discussão entre os usos dos artefatos e o desempenho de cada grupo.

Na primeira etapa da análise de dados as empresas foram classificadas em tradicionais ou modernas no que concerne a utilização dos artefatos. O Quadro 4 apresenta dados pormenorizados:

Quadro 1 – Classificação das empresas

		EMPRESAS																							
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
ARTEFATOS TRADICIONAIS	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	2	-	-	-	-	X	X	-	X	X	X	-	-	X	-	X	-	X	X	-	X	-	X	X	-
	3	-	-	X	X	X	-	-	-	X	X	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	X
	4	-	-	-	X	X	X	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	X	-	-
	5	-	-	-	-	X	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	6	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	-	X	X	-	X	X	X	X	X	X	-
	7	-	X	X	-	X	-	-	-	-	X	-	-	-	-	X	X	-	-	X	X	X	X	-	-
ARTEFATOS MODERNOS	8	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	9	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
	10	-	-	-	X	X	X	-	-	X	X	-	X	X	-	X	-	X	-	-	X	-	X	-	-
	11	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	X	-	X	-	-	X	X	-	-	-
	12	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	13	-	-	-	-	-	X	-	-	-	X	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	14	-	-	X	X	X	X	-	-	X	-	-	X	-	-	-	-	X	X	-	X	X	X	-	-
	15	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	16	-	-	-	X	X	-	-	-	X	X	-	X	X	-	X	-	-	-	-	-	X	-	-	X
	17	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	18	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	19	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	X	-	-	-	-	X	X	-	-	X
	20	-	-	-	X	X	X	-	X	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X
		T	T	T	M	T	M	T	T	M	M	T	M	M	M	M	T	T	T	T	M	M	T	T	M

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

LEGENDA:

Numeração na linha: número da empresa conforme ordem apresentada no Quadro I.

Numeração na coluna: (1) Custeio Padrão; (2) Custeio por Absorção; (3) Custeio Variável; (4) ROI; (5) Preço de Transferência e Descentralização; (6) Moeda Constante e Valor Presente; (7) Orçamento; (8) Benchmarking; (9) Custeio ABC; (10) Custeio Meta; (11) ABM; (12) Just In Time (JIT); (13) Kaizen; (14) Planejamento Estratégico; (15) Teoria das Restrições; (16) Simulação; (17) BSC; (18) EVA; (19) GECON; (20) VBM.

É possível verificar que dos 20 artefatos analisados, apenas 3 não são mencionados nos relatórios das empresas, o que indica uma grande utilização dos mesmos artefatos pelos gestores. Das 24 empresas, 11 são classificadas como modernas, ou seja, 45,83% da população da amostra se utilizam de artefatos modernos e os outros 54,17% se utilizam mais de artefatos tradicionais.

O artefato que mais é utilizado pelas empresas é o Valor Presente, que aparece nos relatórios de 21 empresas, o que indica que 87,5% das organizações utiliza este artefato tradicional em sua gestão. Este alto índice de utilização pode ser reflexo ao fato de que com o advento da Lei 11.638/2007, foi introduzida a necessidade de realizar os ajustes a Valor

Presente na escrituração contábil para demonstrar o valor real da operação na data de emissão do demonstrativo financeiro. Esse ajuste envolve elementos do ativo e do passivo de longo prazo e todos os demais elementos patrimoniais de curto prazo, caso tais ajustes tenham efeito relevante nas demonstrações levantadas.

A Tabela 1 demonstra a frequência e porcentagem de utilização de cada artefato:

Tabela 1 – Utilização dos artefatos

ARTEFATO	FREQUENCIA	PORCENTAGEM
Custeio Padrão	0	0%
Custeio por Absorção	12	50%
Custeio Variável	9	37,50%
ROI	7	29,16%
Preço de Transferência e Descentralização	2	8,33%
Moeda Constante e Valor presente	21	87,50%
Orçamento	10	41,66%
Benchmarking	2	8,33%
Custeio ABC	2	8,33%
Custeio META	11	45,83%
ABM	5	20,83%
Just In Time (JIT)	0	0%
Kaizen	3	12,50%
Planejamento Estratégico	11	45,83%
Teoria das Restrições	2	8,33%
Simulação	9	37,50%
BSC	1	4,16%
EVA	0	0%
GECON	6	25%
VBM	7	29,16%

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Percebe-se também a quantidade de artefatos utilizados por cada empresa, onde se destaca que 54,16% dos Relatórios analisados evidenciam a utilização de 4 artefatos ou menos, e que as empresas que utilização 5 ou mais artefatos representam 45,84% da amostra analisada, conforme Tabela 2.

Tabela 2 – Quantidade de Artefatos Utilizados

Quantidade de Artefatos Utilizados	Frequência	Percentual
1	4	16,66%
2	2	8,33%
3	4	16,67%
4	3	12,50%
5	1	4,17%
6	1	4,17%
7	3	12,50%
8	3	12,50%
9	0	0
10 ou mais	3	12,50%
TOTAL	24	100%

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Destaca-se também que das empresas consideradas modernas, 6 não utilizam nenhum artefato tradicional, enquanto que as consideradas tradicionais apenas 1 não utilizam artefatos modernos. Entre os artefatos modernos nota-se que os mais presentes nos relatórios analisados são o Custeio Meta e o Planejamento Estratégico.

Os artefatos que não foram evidenciados em nenhum dos relatórios analisados foram: Custeio Padrão, Just In Time e EVA (Economic Value Added).

Na segunda parte da pesquisa procedeu-se o cálculo dos indicadores de desempenho econômico-financeiro das empresas, onde foram analisadas quais empresas têm um melhor desempenho: as classificadas como Tradicionais ou, as classificadas como Modernas, pela utilização dos artefatos.

Após a coleta e tabulação dos dados obtidos no Balanço Patrimonial e DRE, os índices de Liquidez, de Rentabilidade e de Endividamento foram calculados com o auxílio de planilhas eletrônicas do Excel e calculadora. Estes índices foram escolhidos por serem os mais recorrentes na literatura e também pela disponibilidade das informações que foram necessárias para calculá-los.

No Quadro 5 podem ser observados os Índices referentes a cada grupo de empresas, classificado de acordo com o uso de artefatos contábeis:

Quadro 2– Índices de Desempenho econômico-financeiro

	EMPRESAS	LIQUIDEZ			RENTABILIDADE			ENDIVIDAMENTO
		GERAL	CORRENTE	SECA	GIRO DO ATIVO	MARGEM LIQUIDA	RENT. DO ATIVO	PART. CAP. TERCEIROS
TRADICIONAIS	1	0,52	0,61	0,46	0,48	-132,14%	-63,15%	-2,78
	2	0,49	0,95	0,55	0,44	-84,34%	-37,28%	2,95
	3	0,62	0,97	0,57	0,66	18,20%	12,09%	1,59
	5	0,39	0,47	0,25	1,02	-36,44%	-37,19%	-2,73
	7	0,35	1,86	1,70	0,41	-5,76%	-2,37%	-1,71
	8	1,73	2,11	1,25	0,63	5,64%	3,53%	0,67
	11	0,08	0,005	0,005	0,004	-38979%	-160,20%	-1,09
	16	3,37	3,3	3,30	0,61	6,49%	3,99%	0,41
	17	1,64	2,98	1,86	1,11	8,14%	9,01%	0,67
	18	0,61	0,31	0,28	0,007	-905,09%	-6,48%	96,22
	19	0,22	0,63	0,62	0,55	3,80%	2,08%	0,84
	22	1,38	2,17	1,75	0,68	11,98%	79,66%	1,04
	23	0,19	0,3	0,19	0,68	5,26%	3,56%	-2,30
MODERNAS	4	1,03	1,99	1,33	1,25	-41,51%	-51,79%	2,30
	6	1,60	2,06	1,45	0,61	7,79%	4,73%	0,73
	9	1,54	1,34	0,99	0,81	-5,92%	-4,78%	0,64
	10	1,21	1,74	1,42	0,61	2,85%	1,73%	1,45
	12	0,29	0,45	0,33	0,62	29,98%	18,57%	-7,23
	13	3,57	4,29	2,96	0,88	5,47%	4,83%	0,24

14	2,85	2,85	2,39	1,52	4,02%	6,12%	0,45
15	1,21	3,26	2,58	0,64	5,84%	3,72%	1,21
20	1,06	1,65	1,33	0,80	4,14%	3,33%	1,32
21	0,97	1,91	1,65	0,76	1,76%	1,35%	1,08
24	1,92	3,27	2,75	1,03	-1,37%	-1,41%	0,26

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

O texto que segue, faz uma análise do quantitativo de empresas que apresentam os índices em maior ou menor grau, bem como a explicação teórica desta representação. Inicialmente, é apresentado no Quadro 6, dados sobre a liquidez:

Quadro 3 - Índices de Liquidez

Índices Liquidez	TRADICIONAIS			MODERNAS		
	< 1,0	> 1,0	> 2,0 e < 5,0	< 1,0	> 1,0	> 2,0 e < 5,0
Geral	9	3	1	2	7	2
Corrente	8	1	4	1	5	5
Seca	8	4	1	2	5	4

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Segundo a teoria, para índices de liquidez satisfatórios, as empresas devem apresentar resultados superiores a 1,0. Pelos dados apresentados nos indicadores de liquidez, as empresas modernas tem um desempenho melhor do que as empresas do grupo tradicional. Observa-se no Quadro 6 que os índices de liquidez estão, na maioria, acima de 1,0 e em muitos casos se encontram entre 2,0 e 5,0, enquanto que nas tradicionais a maioria está abaixo de 1,0.

A *Liquidez Geral* serve para detectar a saúde financeira a curto e longo prazo da empresa, indicando quanto à empresa possui de Ativo Circulante e Realizável em Longo Prazo para cada \$1,00 de dívida total, sendo ela utilizada como uma medida de segurança financeira da empresa, revelando sua capacidade de cumprir os compromissos assumidos. De acordo com Silva (2006, p.307) “a interpretação do índice de liquidez geral é no sentido de quanto maior, melhor, mantidos constantes os demais fatores”.

Liquidez corrente indica quanto existe em dinheiro mais bens e direitos realizáveis em curto prazo, comparado com suas obrigações a serem pagas no mesmo período, sendo que, “quanto maior a liquidez corrente mais alta se apresenta a capacidade da empresa em financiar suas necessidades de capital de giro” (ASSAF NETO, 2006, p.191).

Se o índice de Liquidez corrente for superior que \$ 1,00, de maneira geral, indica a existência de um capital circulante (capital de giro) líquido positivo, se menor que \$1,00, conclui-se que seu capital de giro líquido será negativo (ativo circulante menor que passivo circulante).

Liquidez Seca, de acordo com Silva (2006, p.314) “indica quanto à empresa possui em disponibilidades, aplicações financeiras em curto prazo e duplicatas a receber, para fazer em face de seu passivo circulante”. Seguindo o mesmo raciocínio dos índices de liquidez geral e corrente, quanto maior melhor.

No que se refere ao Giro do Ativo, que indica quanto à empresa vendeu para cada \$ 1,00 de investimento total, assim como os de Liquidez, quanto maior ele for melhor. Esse indicador mostra a velocidade com que o investimento total se transforma em volume de vendas. Segundo ASSAF NETO (2006), o giro do ativo indica o número de vezes que o ativo

total da empresa girou, ou seja, transformou-se em dinheiro num determinado período em função das vendas realizadas.

O Giro do Ativo apresenta na maioria das empresas tanto tradicionais como modernas valores abaixo de 1,0, onde as empresas modernas se destacam com índices melhores, onde 3 empresas aparecem com resultados acima de 1,0 e as outras 8 apresentam índices acima de 0,60. Conforme apresentado no Quadro 7.

Quadro 4 – Giro do Ativo

	TRADICIONAIS			MODERNAS		
Rentabilidade	< 0,60	> 0,60	> 1,0	< 0,60	> 0,60	> 1,0
Giro do Ativo	6	5	2	0	8	3

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

A próxima análise diz respeito à Margem Líquida que indica quanto à empresa obtém de Lucro para cada \$ 100 vendido, quanto maior ela for melhor. Já a Rentabilidade do ativo indica quanto à empresa obtém de Lucro para cada \$ 100 de investimento total. E quanto maior, melhor. É um dos indicadores mais enfatizados para a análise da rentabilidade de investimentos.

A Margem líquida e a Rentabilidade do Ativo, tanto nas empresas tradicionais quanto nas modernas, apresentaram em sua maioria índices positivos. Entretanto, a maior parte está abaixo de 10%, e no caso das tradicionais apresenta um alto índice de dados negativos o que possivelmente se deve ao fato das empresas apresentarem prejuízos acumulados no exercício findo de 2017. A classificação quantitativa desses índices é apresentada no Quadro 8:

Quadro 5 – Margem Líquida e Rentabilidade do Ativo

	TRADICIONAIS			MODERNAS		
Rentabilidade	> 1% e < 10%	> 10%	< 1%	> 1% e < 10%	> 10%	< 1%
Margem Líquida	5	2	6	7	1	3
Rentabilidade do Ativo	5	2	6	7	1	3

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

A última análise realizada, diz respeito à participação do Capital de Terceiros. Segundo Matarazzo (1998, p.160) “Sempre que se aborda o índice de Participação de Capitais de Terceiros, está-se fazendo uma análise exclusivamente do ponto de vista financeiro, ou seja, do risco de insolvência e não relação ao lucro ou prejuízo”.

A Participação de capital terceiros indica quanto à empresa tomou de Capitais de Terceiros para cada \$ 1,00 de capital próprio investido. Para este índice quanto menor ele for melhor, ou seja, este indicador deveria sempre ser inferior a 1,00. Indicadores superiores a 1,00 podem sugerir excesso de endividamento da empresa através dos empréstimos e financiamentos já contratados.

A finalidade deste indicador é medir a estrutura de obrigações da empresa. É também um indicador entendido como um parâmetro de garantia dos credores. Em outras palavras quanto à empresa tem de Capital Próprio (Patrimônio Líquido) para garantir as dívidas contratadas para o giro e de pagamentos.

No índice de endividamento as empresas modernas apresentaram mais resultados abaixo de 1,0 e menos resultados negativos do que as tradicionais, e referente a este índice quando menor ele for melhor. Os resultados estão apresentados no Quadro 9:

Quadro 6 – Endividamento

	TRADICIONAIS			MODERNAS		
Endividamento	< 1,0	> 1,0	> 2,0 e < 5,0	< 1,0	> 1,0	> 2,0 e < 5,0
Participação Capital de Terceiros	4	4	5	5	5	1

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Para concluir a análise sobre o desempenho econômico-financeiro das empresas classificadas como tradicionais e modernas, pelo uso de artefatos contábeis, as Tabelas 3 á 6 apresentam o percentual desta classificação, no intuito de uma visualização pormenorizada desse desempenho:

Tabela 3 - Percentual de classificação do desempenho Liquidez

	TRADICIONAIS			MODERNAS		
LIQUIDEZ	< 1,0	> 1,0	> 2,0 e < 5,0	< 1,0	> 1,0	> 2,0 e < 5,0
Geral	69,23%	23,07%	7,69%	18,18%	63,64%	18,18%
Corrente	61,54%	7,69%	30,77%	9,09%	45,45%	45,45%
Seca	61,54%	30,77%	7,69%	18,18%	45,45%	36,38%

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Tabela 4 - Percentual de classificação do desempenho Rentabilidade 1

	TRADICIONAIS			MODERNAS		
RENTABILIDADE	< 0,60	> 0,60	> 1,0	< 0,60	> 0,60	> 1,0
Giro do ativo	46,15%	38,46%	15,39%	0,00%	72,73%	27,27%

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Tabela 5 – Percentual de classificação do desempenho Rentabilidade 2

	TRADICIONAIS			MODERNAS		
RENTABILIDADE	> 1% e < 10%	> 10%	< 1%	> 1% e < 10%	> 10%	< 1%
Margem Liquida	38,47%	15,38%	46,15%	63,64%	9,09%	27,27%
Rentabilidade do Ativo	38,47%	15,38%	46,15%	63,64%	9,09%	27,27%

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Tabela 6 - Percentual de classificação desempenho Endividamento

	TRADICIONAIS			MODERNAS		
ENDIVIDAMENTO	< 1,0	> 1,0	> 2,0 e < 5,0	< 1,0	> 1,0	> 2,0 e < 5,0
Participação Capital de Terceiros	30,77%	30,77%	38,46%	45,45%	45,45%	9,10%

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Em todos os índices analisados as organizações que se utilizam de artefatos modernos da contabilidade gerencial apresentaram um desempenho econômico-financeiro acima das que se utilizam mais de artefatos tradicionais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo classificar as empresas cinquentenárias do Setor de Bens Industriais listadas na B3 em aquelas que utilizam em maior quantidade artefatos da contabilidade gerencial apontados como tradicionais versus modernos e comparar o desempenho econômico-financeiro destes dois grupos.

Para atingir o objetivo realizou-se análise documental das Notas explicativas, Relatório da Administração e Demonstrações contábeis das empresas analisadas. Posteriormente classificaram-se as empresas em modernas e tradicionais quanto à utilização dos artefatos, e foram analisados os índices de desempenho econômico-financeiro das mesmas.

Acredita-se que esta pesquisa alcançou seus objetivos, tanto o geral como os específicos, pois, as empresas foram classificadas em tradicionais e modernas pela utilização dos artefatos, o que se pode verificar no Quadro 4, o desempenho econômico-financeiro de todas as empresas foi calculado e comparado, presentes entre os Quadros 5 e 9 deste trabalho. O que possibilitou classificar as empresas cinquentenárias do Setor de Bens Industriais listadas na B3 em aquelas que utilizam em maior quantidade artefatos da contabilidade gerencial apontados como tradicionais versus modernos e comparar o desempenho econômico-financeiro destes dois grupos.

Como resultados obteve-se que referente aos índices de liquidez, rentabilidade e endividamento as empresas tradicionais apresentaram dados abaixo dos valores esperados, por exemplo, na participação de Capital de terceiros onde para este índice quanto menor ele for melhor, ou seja, este indicador deveria sempre ser inferior a 1,00, esse grupo apresentou entre valores acima de 1,0 e negativos um percentual de 69,23% o que sugere excesso de endividamento da empresa através dos empréstimos e financiamentos já contratados, já o grupo de empresas classificadas como modernas apresentou nesse mesmo índice, entre valores acima de 1,0 e negativos, um percentual de 54,55%.

Referente ao problema de pesquisa o mesmo foi respondido, pois, foi evidenciado que as empresas classificadas como modernas pela utilização dos artefatos da contabilidade gerencial apresentam um desempenho econômico-financeiro melhor do que às empresas classificadas como tradicionais, as mesmas tiveram seus índices de desempenho, em sua maioria, abaixo do esperado e muitos ainda estavam negativos.

Como limitação do trabalho, podemos considerar a falta de padronização e de informações dentro das Notas explicativas, Relatório da Administração e Demonstrações contábeis das empresas, o que dificultou a coleta de dados e análise do conteúdo.

Para futuras pesquisas sugere-se ampliar o estudo para todas as empresas listadas no site da B3 no setor de bens industriais ou em outros setores assim como em anos anteriores, e até mesmo ser feita uma comparação com o ano analisado.

REFERÊNCIAS

ATKINSON, A. A. & Chenoy C. A. O. M. Contabilidade gerencial. Atlas (2000).

ATKINSON, Anthony A.; BANKER, Rajiv D.; KAPLAN, Robert S.; YOUNG, S. Mark. Contabilidade gerencial. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ASSAF NETO, Alexandre. Estrutura e Análise de Balanços: Um Enfoque Econômico e Financeiro. 8.ed. São Paulo: Atlas, 2006.p.191

BEUREN, I. M., & ERFURTH, A. E. Pesquisa em contabilidade gerencial com base no futuro realizada no Brasil. Contabilidade, Gestão e Governança. v. 13 n. 1 p. 44 - 58 jan/abr (2010). Disponível

em:<file:///C:/Users/crist/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/281-1493-2-PB.pdf>. Acessado em:. 06/03/2018

CAMARGOS, M. A., & Barbosa, F. V. (2005). Análise do desempenho econômico-financeiro e da criação de sinergias em processos de fusões e aquisições do mercado brasileiro ocorridos entre 1995 e 1999. USP Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 99-115, abril/junho 2005. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/rege/article/view/36520/39241>. Acessado em 06/03/2018

CAMPOS, Lilian Castelo. Fatores que influenciam a utilização de artefatos de Contabilidade Gerencial: um estudo nas empresas cearenses. 2012. 124 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração e Controladoria) – Programa de Pós-Graduação em Administração e Controladoria Profissional da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

FERREIRA, C. O. ; COLARES, A. C. V. Aplicação de artefatos gerenciais de contabilidade nas empresas mineiras prestadoras de serviços sob a ótica das variáveis de setor e porte. Revista Mineira de Contabilidade, p. 16 - 25.

FLECK, D. Archetypes of Organizational Success and Failure. Proceedings of the 2005 Academy of Management Annual Meeting. Honolulu, Hawaii, ago. 2005.

GIL, Antonio. Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 2006.

HEIZEN, Cátia. MARQUES, Leandro. RODRIGUES JUNIOR, Moacir Manoel (2016). “Relação entre a utilização dos artefatos tradicionais e modernos de contabilidade gerencial e o desempenho das empresas”. 2º Congresso UNB de Contabilidade e Governança. Disponível em < <http://conferencias.unb.br/index.php/ccgunb/ccgunb2/paper/view/5378>> Acessado em 24/02/2018.

Horngren, C. T., Sundem, G. L., & Stratton, W. O. (2004). Contabilidade gerencial. Prentice Hall.

IFAC, International Federations Of Accountants. (1998). International Management Accounting Practice 1 (IMAP1), March.

ISIDORO, C., Facci, N., Espejo, M. M. D. S. B., & Garcias, P. M. (2012). A utilização de artefatos de contabilidade gerencial em cooperativas agropecuárias. Revista de Contabilidade da UFBA, Salvador-Ba, v. 6, n. 2, p. 39-55, maio-agosto 2012. Disponível em < <https://rigs.ufba.br/index.php/rcontabilidade/article/download/5948/4783>>. Acessado em 02/03/2018.

JOHNSON, H. T.; Kaplan, R. S.. Relevance lost: the rise and fall of management accounting. Boston: Harvard Business School Press, 1987.

LIMA, M. V. A. Metodologia construtivista para avaliar empresas de pequeno porte no Brasil, sob a ótica do investidor. 2003. 382 f. Tese (Doutorado em Engenharia da Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

MACÊDO, L. C. B. de. Utilização dos artefatos da contabilidade gerencial sob a ótica da teoria institucional: uma evidência nas empresas de comércio do setor de consumo cíclico listadas na BM&FBOVESPA. 2017. 40f. Monografia (Especialização em Contabilidade de

Custos para Tomada de Decisão) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2017.

MACEDO, M.A.S; Silva, F.F; Santos, R.M. Analise do mercado de seguros no Brasil: uma visão do desempenho organizacional das seguradoras no ano de 2003. Revista de contabilidade e finanças da USP, edição especial, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Técnica de pesquisa. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARTINS, E. Avaliação de empresas da mensuração contábil a econômica. Revista de Contabilidade e Finanças da USP, v. 13, n. 24, 2000. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cest/n24/n24a02.pdf>>. Acessado em 04/04/2018

MATARAZZO, D. C. Análise financeiras de balanços. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1995.

MATARAZZO, D.C. Análise financeira de balanços: abordagem básica e gerencial. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1997. 463 p.

MATARAZZO, D. C. Análise Financeira de balanços. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1998. p.160.

MATARAZZO, D. C. (2003). Análise financeira de balanços: abordagem básica. São Paulo: Atlas.

MORAIS, O., Coelho, A. C. D., & Holanda, A. P.. Artefatos de Contabilidade Gerencial e desempenho operacional em Companhias de Capital aberto do Brasil. In: XXXVI EnANPAD, 2012, Rio de Janeiro. XXXVI EnANPAD - Encontro Científico de Administração. Rio de Janeiro: ANPAD, 2012. Disponível em <www.anpad.org.br/admin/pdf/2012_CON537.pdf>. Acessado em 24/03/2018

MORAIS, O., COELHO, A. C. D., & HOLANDA, A. P. (2014). Artefatos De Contabilidade Gerencial E Maximização Do Valor Em Firms Brasileiras. Revista de Contabilidade e Controladoria, ISSN 1984-6266 Universidade Federal do Paraná, Curitiba, v. 6, n.2, p. 128-146, maio/ago. 2014. Revista Contabilidade e Controladoria, 6(2). Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/rcc/article/view/35409>> . Acessado em 15/02/2018.

NOGUEIRA, P. G. C. P. ; Silva, T. B. J. ; Hall, R. J. . Utilização dos artefatos gerenciais tradicionais e Modernos em Organizações do Agronegócio na região Matopiba. In 55º Congresso da sociedade brasileira de economia, administração e sociologia Rural, 2017. Santa Maria – RS, 2017.

OYADOMARI, J. C. *et al.* Fatores que influenciam a adoção de artefatos de controle gerencial nas empresas brasileiras. um estudo exploratório sob a ótica da teoria institucional. Revista de Contabilidade e Organizações. v. 2, n. 2, p. 55-70, 2008. Disponível em <www.revistas.usp.br/rco/article/view/34705>. Acessado em 18/02/2018.

RAUPP, F. M., & BEUREN, I. M. (2006). O suporte das incubadoras brasileiras para potencializar as características empreendedoras nas empresas incubadas. Revista de Administração, 41(4), 419-430. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/85998>> Acessado em 04/04/2018.

SILVA, José Pereira da, *Análise Financeiras das Empresas*, 8.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

SILVA, T. B. J. ; LAY, L. A. ; SILVA, M. Z. . Estratégias organizacionais e o desempenho econômico-financeiro das empresas cinquentenárias brasileiras. *Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade*, v. 6, p. 24-43, 2016. <Disponível em <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/financ/article/view/2050>>Acessado em 20/03/2018.

SOUTES, D. O. , & De Zen, M. D. C. (2005). Estágios evolutivos da contabilidade gerencial em empresas brasileiras. In *Congresso USP de Controladoria e Contabilidade* (Vol. 5, p. 2005).

SOUTES, D. O. (2007). Guerreiro, R. Uma Investigação do Uso de Artefatos da Contabilidade Gerencial por Empresas Brasileiras. XXXI Encontro da ANPAD.

SOUTES, D. O. Uma investigação do uso de artefatos da Contabilidade gerencial por empresas brasileiras. 2006. 116 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Programa de Pós-Graduação em Controladoria e Contabilidade, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SULAIMAN, M. B., Nazli Nik Ahmad, N., & Alwi, N. (2004). Management accounting practices in selected Asian countries: A review of the literature. *Managerial Auditing Journal*, 19(4), 493-508.